A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II—NUMERO 55 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO R. D. PEDRO V 18 TELEF. 631 N. LISBOA

AGENTES EM TODA A PROVINCIA COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS e UTILIDADES.

O aniversario duma grande tragedia

Com o 1.º de Fevereiro passa o aniversario duma grande tarde de sangue, que foi o inicio da epoca revolucionaria e tumultuosa que temos vivido. A morte dum principe inocente e dum Rei que a Historia julga, já, com benevolencia, abriram um caminho de excessos de que é victima toda a Nação.

O DOMINGO ilustrado

ANO II N.º 55

LISBOA 31 DE JANEIRO DE 1926
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado
DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V. 18—Tel. 631 N. – CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

Nós na exposição de Sevilha

Reuniu-se em sessão solene, nas Belas Artes, a grande assemblea para tratar da representação portugueza em Sevilha, tarde e a más horas. Foi o ministro, estiveram poucos artistas e alguns industriaes. Falou o sr. Adães Bermudes, e expoz o seu plano o nosso querido amigo Jorge Colaço.

Já dissemos e ainda temos de repetir, que a representação portugueza não pode nem deve ter as pretenções duma representação comercial, industrial e artistica.

Deve ser discreta, sobria, pobre, terna, amorosa como nós, procurando-se um manuelino que não seja o do Hotel do Bussaco—porque o ha—numa instalação que convença mais pela graça do seu gosto do que pela riqueza, sempre falsa, e que nós não temos.

Manual de civilidade para um, ou o «general dos electricos»

Ali na Praça dos Restauradores, onde os carros fazem estação para Lumiar e Campo Grande, governa um ilustre expedidor de electricos que é mesmo um amor de delicadeza! O ilustre homem que, segundo parece, se julga general, de oculos puxados para a testa, boné para traz, leva de quando em quando o apito á boca e n'uma voz grossa e agressiva, ordena:

—Esses passageiros passam para o carro da frente!

E os desgraçados passageiros que pagando o seu bilhete, merecem a consideração do pessoal da companhia, quasi que sentem vontade de pedir desculpa ao *general dos electicos* de estarem vivos!

Se se cae na asneira de se ir indagar:

—Diz-me, faz favor. Ainda ha carro para o Lumiar?

O homem, sem olhar, sem se dignar mesmo voltar-se, responde no seu vozeirão de comando:

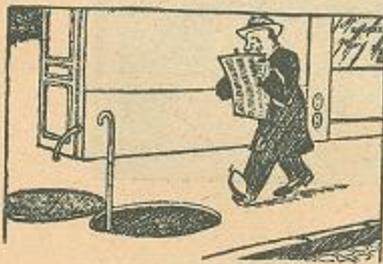
—Não sei!—e se se pede maior explicação, o ilustre doutor em agulhas, não está com mais aquelas: ou não responde ou põe-se a gritar para algum infeliz guarda-freio: — Olha essa bandeira!

Não poderia a Companhia Carris fazer notar ao apontado senhor que aos seus empregados (mesmo aos expedidores) não fica mal um bocadinho de boa educação e correção de maneiras, para aqueles que não teem culpa que o homem queira mostrar aos subordinados que ele é quem manda?!

Que demonio, nós já pagamos os bilhetes tão carinhos...

«Ilustração»

Saíu o segundo numero da brilhantissima revista «Ilustração» que vem grandemente melhorado. Colaboração escolhida, belas gravuras, julgamos nos não errar profetisando ao belo «magazine» um exito enorme.

NO MELHOR PANO

(Lendo a historia dum conto do vigario).—Mas como estas pessoas caem com tanta facilidade!

Má língua

MEMNON

(LENDA EGYPCIA)

É um velho deus, que, junto ao Nilo,
num recanto ignorado,
silencioso e tranquillo,
se entrega a um sonho indecifrado.
Contam lendas que vive sobre um throno
indifferente ao mundo que o rodeia,
sequioso de abandono
porque ama apenas uma Ideia.
Ha nenuphares, perto, pelos charcos...
Garças reaes, hieraticas, divinas...
Pygmeus talhando em pétalas os barcos
com que sulcam ribeiras crystallinas...
O velho deus, indifferente a tudo,
sobre o seu rude throno de basalto,
innunda a terra de um desprezo mudo
e fixa os olhos no alto.
Lá numa certa hora,
quando a noite é já quasi no seu termo,
e a chamma trémula da auróra
morde a fimbria distante daquelle ermo;
já quando as labarédas do nascente
se tingem de oiro fulvo e de romã,
nostalgica e tremente
brilha no céu profundo a estrella da munhã!
E o deus, allucinado,
como deus, como poeta, como louco,
ergue um braço amoroso e descarnado
dá um grito immenso e rouco,
põe no olhar um ephémero lampejo
mais brilhante que um sonho em combustão!
E adivinha-se a audacia de um desejo!
E ouve-se palpitar um coração!
A terra acorda. E quando o sol a innunda
como uma força olympica e fecunda,
o deus esquece a ardencia do seu grito,
de novo no seu extase se afunda.
A luz, doira-lhe o corpo de granito,
paramenta-o de flores amarellas...
Mas elle olha, immutavel, o infinito
que a escuridão povoará de estrellas.

Quantas almas não andam pela vida
como este deus de humana condicção,
pondo toda a ventura apetecida
no furtivo brilhar de uma illusão!
Querem, como elle quer, sentir a chamma
de um unico ideal consolador
e a febre que o procura e que o reclama
tem toda a exaltação de um grande amor.
Mas vibram num delirio de anciedade
mas é muito maior o seu tormento
porque o deus tem por si a eternidade
e ellas teem apenas um momento.
Anciosas, exaltadas,
agitam na negrura
o facho de esperanças desvairadas,
sequiosas de belleza e de ventura.
Ás vezes, penetrando a escuridão,
cuidam, numa clareira de penumbra,
ver fagulhar num rápido clarão
a estrella fulgurante que as deslumbra.
E levantam os braços para o ar,
e vão colher o que as encanta,
e abrem azas á sêde de gritar
que tinham afogada na garganta!
Mas o clarão, traiçoeiro,
que fingira encarnar todo esse ideal,
prosegue sem piedade o seu roteiro
como o cirio de um longo funeral...
Desfaz-se em fumo a torre altiva e frágil
que o sonho erguera em tanta devoção,
para subir desempenado e agil
a escadaria azul da inspiração.
Só no destino de almas sonhadoras
cábem desillusões esmagadoras.
Não as conhece o deus do Egypto.
O que passou, não volta a enlouquecêl-as...
Não teem a firmeza do granito.
E apprendem a sentir que para ellas
na sombra mentirosa do infinito
são mentirósas tódas as estrellas!

TAÇO

questão prévia

A questão que ora resurge ácerca dos chamados paineis de S. Vicente, que tambem dão pelo chamadoiro de paineis do Infante ou tabuas de Nuno Gonçalves, vem mostrar á evidencia que a Duvida é bem mais interessante do que a Certeza, o que aliás é naturalissimo, porque, participando a Duvida da imperfeição, mais grata deve ser ao espirito humano, que de imperfeições gulosamente se nutre.

Que me lembre, de momento, andam quatro doutores ás voltas com as tabuas famosas, cada um, mesmo os que entre si concordam, puxando a braza da razão á sardinha da sua interpretação critica.

Ha quinze anos, descobertas e restauradas as tabuas, um dos doutores agora litigantes assentou uma interpretação das figuras representadas e de cada uma poz a sua etiqueta e arrumou-se o caso atribuindo-se o quadro a um tal Nuno Gonçalves, considerado o Colombano do seculo XV. Os anos passaram, veiu a guerra, vieram as revoluções, intensificou-se o culto do *foot-ball* e outras preocupações mais urgentes, portanto, vieram substituir as veleicidades de critica de arte e investigações historicas. Mas eis que surge em Leiria outro doutor, que laboriosamente ocupa os serões, (que em tempos do padre Amaro se consumiam nos chás da Sanjoaneira), em estudos sobre coisas d'arte e arqueologia e, peça por peça, ergue um sistema novo de interpretação das tabuas revelhas, interpretação da etiquetagem das figuras e da paternidade da obra primitiva.

Certa personalidade pintada, que na anterior empresa fôra definitivamente arrumada como sendo um incontestavel S. Vicente, aparece na nova forma de ver promovida a Infante Santo. Onde um dos interpretes viu um homem de trinta anos, vê outro um sujeito de respeitavel idade e rosto enrugado. Ha profundas divergencias sobre o frei bispo e discordancias integrais acerca da rubrica do pintor.

Falha-me a competencia para emitir o meu parecer e estas discussões só me interessam como curioso e como cronista. Ligo-as na imprensa com que persigo as investigações sobre o caso das notas falsas e confesso-lhes—assim como não me surpreendem grandemente as posições que se vão fazendo, tambem não pasmarei, amanhã, se algum novo critico d'arte me revelar, atravez do periodico, que as tabuas atribuidas a Nuno Gonçalves representam simplesmente uma reunião do Grupo Parlamentar Democratico, para estudar o assunto da restauração do Ministerio do Trabalho.

* * *

Mas, em tudo isto, o que mais arrebata o meu interesse é a duvida com que a nova interpretação do quadro vem abalar a convicção anterior. Desde que se tinha assentado uma certeza, melhor ou pior fundamentada, as tabuas tinham sido arrumadas no Museu e na indiferença geral, mas como um elemento de duvida surgiu, eis que de novo a curiosidade vibra e os Astier-Relm se lançam contra os Schwantaler em discussões infindaveis, em que o util das citações se junta ao pitoresco dos remoques, poque mesmo no campo elevado das discussões intelectuais o temperamento latino não dispensa a ferroada.

A menos que o Nuno Gonçalves, ou quem quer que foi que pintou as tabuas, venha do outro a este mundo, por intermedio da mesa de pé de galo, dar a sua palavra de honra de que a tal figura das barbas ou é S. Vicente, ou ou Infante Santo, ou o Snr. Antonio Maria da Silva. A menos que se dê este fenomeno sobrenatural, a Duvida persistirá sobre a certeza e o Interesse continuará a envolver os misteriosos paineis.

Se ainda nenhum filosofo o disse, permito-m'o eu dizê-lo, com a minha autoridade de filosofo aos domingos: duvidar é viver. No amor, a Duvida é a razão de ser e a Certeza é o fastio. Na vida, a Duvida é a condição mesma do progresso e a Duvida e a Certeza são, simultaneamente, um assunto, como os senhores estão vendo.

ECOS

O Concurso das Novelas Curtas

Deve reunir, em ultima leitura na proxima terça-feira o jury para apreciação das novelas curtas que deram entrada nesta redação, são em numero de 260.

E' pois possivel que no proximo «Domingo» consigamos dar aos nossos leitores o resultado desse concurso.

LER NO PROXIMO NUMERO

CHOVE TANTO!

Um lindo conto sentimental

DE

UM HOMEM SEM IMPORTANCIA

REGRESSO DO VERANEIO

—Veio alguem durante a nossa ausencia?
—Só vieram os gatunos que levaram as pratas e as joias!

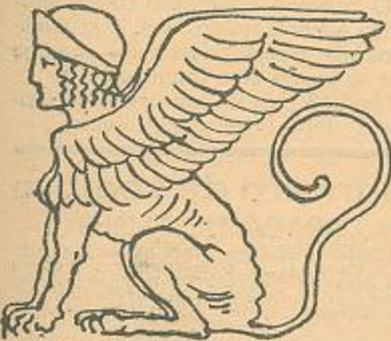
HUMORISMO

crónica alegre

SEGREDOS

PÉLO-ME por saber um segredo! E' talvez um defeito gráve, uma pécha que não vai bem aos do meu sexo, mas a verdade é que para saber um segredo sou capaz de dar a minha parte deste mundo e a problematica parcela a que tenha direito no outro!

Saber um segredo e passá-lo confidencialmente aos outros exigindo palavra d'honra como penhor do sigilo, é um crime com certeza mas um crime que nos dá fóros de pessoa notavel e que quasi nos elége no conceito publico como mortal fadado para grandes e atrevidas emprezas. Depois, é a vida alheia que nós trazemos nos labios; saber-se que, com um sorrisinho trai-

çoeiro e um inclinar de cabeça, podemos atirar com a cotação de qualquer de pernas ao ar ou fazer com que sob a camada dos pós d'arrôs, se mostre a nodoa secreta de determinada dama.

O homem tem um unico fim na vida, digam o que muito bem entenderem os filosofos. O unico idial do humano é dominar, e assim se explicam as tareias que apanhamos em pequenos, e as que levamos quando grandes.

Uns dominam pelo dinheiro; é a receita mais facil e a que dá maiores resultados; como porém o dinheiro está pela hora da morte, poucos são os que seguem a doutrina. Outros dominam pela força, outros pela argucia, outros pela inteligencia, alguns pela imbecilidade alheia, e conta a lenda que houve gente que dominou pela honestidade.

Ora saber um segredo, seja ele qual fôr, é dominar. Um homem com um segredo é um ditador, é um general comandante em chefe, é um grão-mestre de maçonaria. Com um segredo abrem-se as fechaduras mais complicadas, com outro segredo abrem-se as almas mais refratárias. Um segredo de Estado pode fazer uma guerra, um segredo de alcova pode ditar um divorcio.

Desde o segredinho bailariqueiro das meninas namoradeiras, ao pesado e suculento segredo do arrojado comerciante da nossa praça, que infinidade de pequeninas armas secretas passadas aqui e alem, na curva lenta d'uma valsa da moda, ou no cerimonioso «com licença» do café! Pequenos punhaes brilhando entalados nos dentes, uns a furto esperando a vez segura, outros fingindo indiferença, a gosar o espectaculo da ferida abrindo aos poucos.

Sendo o segredo a alma do negocio segundo reza um antigo rifão, ele é tambem o «Abre-te Sezamo», de todas as coisas. A moeda que passa subtilmente ao servidor prestavel, o segredo que se colhe sem querer, n'um passeio ao acaso ou n'um abrir de janela, a confidencia, irmã gemea do segredo, que um dia nos faz senhor de certa escandaleira que a nosso belo-prazer pode rebentar com estrondo, só com um pequeno mover de labios! Como tudo isto nos envaidece! E no entanto, todos nós, homens e mulheres, somos egualmente escravos do segredo! Todos nós temos um, muito recolhido, longe de todos os ouvidos e ás vezes tão bem guardado que até temos medo de o dizer a nós proprios! (Esta frase creio que é minha mas se alguem lhe quizer chamar sua, não vejo n'isso inconveniente.)

Qual de nós, mortaes sujeitos ao flagelo do terceiro inimigo, ao mundo, não tem na vida o segredo d'um beijo dado a furto, segredo que é esse beijo vivo e que no fundo da nossa alma continúa nosso, muito nosso, eternamente nosso? E a par d'esse, outro segredo completamente diferente, que quando vem á lembrança queima como lagrima por ninguem vista, segredo que nos tortura continuadamente porque ninguem o pode saber!?

Eu adoro o segredo. Tenho-lhe quasi uma veneração exaltada e tanto, que quando estou muito tempo sem saber algum, digo um a qualquer amigo para que ele depois m'o conte a fingir que é novo.

ESPERTEZA

Creio que em nenhum outro povo a monomania da esperteza está tão radicada como neste a que, por nascimento e registo batismal, tenho a honra de pertencer.

Já, de meninos, quando uma visita por dever de cortezia contempla a vergontea risonha dos nossos papás, é certa a afirmação:

—Este menino tem cara de muito esperto!

De maneira que com o repetir da

frase, a gente vae-se convencendo de que, na verdade, a esperteza chegou até nós e parou, e, com o andar dos tempos, crêmos não existir patranha que nos passe dos gorgomilos ou velhacaria que a nossa agudeza não descubra.

Ser esperto, ser arguto, pregal-a ao mais pintado e afiançar que ninguem nos falcatrúa, é a vaidade nata de todos nós. Descobrir todas as traquibernias, desfazer todos os embroglios, tomar ares de Sherlok-Holmes e afiançar espertezas, como isto tolda cabeças e faz impar de satisfação os peitos mais comezinhos!

Sim, porque a esperteza está-nos na massa do sangue! Quem ha por ahi que não blazone feito onde a argucia entra como afirmação decisiva, eficaz e unica?!

—Quando foi daquele caso... e a historia segue, embrulhada, emaranhada como teia de aranha, desfeita ao fim pela nossa agudeza de olho! E de sorriso franzido ao canto da boca, que alegria intima ao contemplarmos a cara dos ouvintes, mudos de espanto e admiração!

Ha rapazes espertos para os negocios, (e neste caso a esperteza entra um pouco no dominio da falta de escrupulos) homens que com tres gestos e duas frases apanham no ar condescendencias femininas que a outros mais simplorios passariam despercebidas, pessoas que, com um voltear rapido de olhos, agarram combinações, conversas, segredos!

Não ha duvida que somos um povo de espertalhões!

Mas... caso intrincado que bastante tem dado que pensar: parece que a esperteza se gasta com o tempo e com a mudança de estado! E digo isto porque um marido que conheço sustenta que outróra foi esperto que nem um alho, e hoje ha uma coisa que toda a gente sabe menos ele...

HENRIQUE ROLDÃO

COM CORAÇÃO

—E' um pobre invalido! Só lhe restam setenta e cinco pés!

Dez contos em papel

André Brun, o nosso querido colaborador que o publico tão bem conhece e que é hoje, sem duvida, um dos nossos primeiros escritores humoristas, acaba de pôr á venda uma nova edição do seu primeiro livro «Dez contos em papel» um belo volume de sentimento e bom-humor, de boa e cuidada prosa e onde André Brun marcou duas interessantes modalidades de escritor.

NO PROXIMO NUMERO

Cronica Alegre

DE

ANDRÉ BRUN

BREVEMENTE

POBRE HOMEM

—A minha mulher tem um genio horrivel!
—Tem nervos?
—Calcules lá! Toca piano de manhã á noite!

Curiosidades

UM IMPOSTO SOBRE OS SOLTEIROS

N'um dos Estados da Republica Argentina, está em vigor um imposto sobre todos os homens com mais de trinta anos que estejam solteiros. Assim, temos que dos trinta aos trinta e cinco, paga trinta escudos por mez; dos quarenta aos cincoenta paga cada solteiro noventa escudos por mez e dos cincoenta aos sessenta e cinco, cento e vinte escudos! Os viuvos ficam libertos do fisco durante tres anos mas depois, ou casam de novo, ou pagam o imposto. Mas o mais engraçado é um artigo da lei que diz que: aquele que durante tres anos apanhar tres *nãos* devidamente comprovados, fica isento do imposto!...

A GRAVURA EM MADEIRA

A gravura em madeira foi inventada pelos alemães no seculo XV.

Os primeiros gravadores que se conhecem são: Guilherme Wolgemuth e Miguel Pleyderwurff. Albert Durer levou a arte de gravar em madeira a tal perfeição que até á data ninguem o egualou.

Hugo Carpi foi quem primeiro fez o claro-escuro n'esta especie de gravura.

Os Aetas

SINGULAR E EXTRANHA RAÇA DE SELVAGENS HABITATES DAS ILHAS FILIPINAS

NAS ilhas Luçon, Panay, e Mindanao, do archipelago das Filipinas, existe uma raça de indios chamados «Aetas» que são considerados como os primitivos habitantes das ilhas ainda que se ignore de onde vieram e a epoca em que por ali apareceram.

A sua estatura varia entre um 1,30 a 1,60, prognatismo muito pronunciado, ventrudos, cor parda escura e os musculos extraordinariamente desenvolvidos. Quando o interior das ilhas era ainda pouco conhecido, eram atribuidos aos «aetas» usos e costumes de feras, não faltando as luctas sangrentas, d'uma crueldade sem nome.

Muitos auctores pintavam a raça dos «aetas» como a mais feroz expressão do genero humano. Negaram-lhe qualquer sombra de sentimentalismo ou esboço de vida social.

O «aeta», no dizer dos que o não conheciam senão atravez a tradição, era um «homem-bicho», vivendo em cavernas tenebrosas, antropofago, espreitando sempre a ocasião de exercer o seu mister cruel de matador, pronto dia e noite a cravar os dentes e as unhas nas entranhas do inimigo que era sempre o primeiro que lhe passava ao alcance.

O «aeta» era pois, no dizer da tradição, mais antropoide que homem, sem fala, manifestando o seu contentamento ou odio por gritos agúdos, selvagens, lembrando rugidos.

Alguns viajantes modernos, homens de sciencia, atraidos por estas extranhas revelações, embrenham-se na selva em busca das «aetas» e... eis o que eles viram:

Os «aetas» constituem é certo um povo selvagem e nómada, mas não são feras.

Antes, ao contrario, sentimentos da honra, do dever e da lealdade estão n'eles desenvolvidissimos... sem semelhança com os seus irmãos brancos civilisados. São vegetarianos, e o amor pela liberdade está n'eles enraizado por tal forma que se suicidam quando as circunstancias os obrigam a qualquer dominio.

Vivem em tribus onde o escolhido governa como pae a quem todos servem com obediencia, e todas as luas, a tribu reune em volta do escolhido, para lhe escutar os conselhos que vão, desde a maneira de liquidar os animais ferozes até aos deveres da familia e da moral!

Acreditam n'um Dever unico, na imortalidade da alma, e que o homem pode dispor da sua vida quando a sua morte pode ser util aos seus irmãos!

Cada homem tem obrigação de casar até aos trinta anos e só a morte pode desligar um matrimonio.

Cada «aeta» que mate um semelhante da sua raça, embora de outra tribu, é abandonado pelos seus em plena floresta com uma marca a fogo n'um hombro, para que não lhe deem guarida nem alimento.

O mesmo castigo é imposto á mulher adultera. E... devemos confessar que, para selvagens, os ilustres homens de sciencia que os atenderam, trouxeram dos selvagens, «aetas» muitos ensinamentos que os civilisados deveriam aproveitar...

DESDE QUANDO SE FAZEM RELOGIOS?

Sabe-se que nos principios do seculo XVI já havia fabricas de relogios em Paris e Nuremberg.

Em 1675, Huyghene, imaginou o relogio de recorte espiral, cuja ideia lhe foi disputada pelo abade de Hautefeuille e A. Hook.

Em 1676 apareceram os relogios de repetição, inventados quasi ao mesmo tempo em Londres por Barlow, Quare e Tompson.

O primeiro relogio de repetição que se vio em França foi enviado a Luiz XIV pelo rei Carlos de Inglaterra.

A Graham se devem os relogios chamados de cilindro. Os relogios sem chave datam da primeira metade do seculo XIX.

UM AVOENGO DO «FOOT-BALL»?...

Atico de Napoles, em tempo de Pompeu—o Grande (107-48 a. de J. C.) inventou dois jogos de bola de nomes «follis» e «folliculis».

O primeiro era jogado com o antebraço e a bola era de coiro. O segundo consistia n'uma esfera mais pequena que se jogava com o punho.

Um dos grandes entusiastas do «folliculis» foi o imperador Augusto.

Os Sports na Provincia

CASTELO BRANCO.—Continuam os desafios de foot-ball que para disputa dum bronze se estão efectuando entre os teams desta cidade.

No passado domingo, 24, encontraram-se o União Artistico Albicastrense e o Gremio Desportivo União, vencendo este por 4-1.

Com esta victoria fica sendo novamente o Gremio o mais classificado; posição que havia perdido no encontro com o Sport Lisboa e Castelo Branco.

TORTOZENDO.—O Sport Lisboa e Tortozendo a quem n'este mesmo local, auguramos uma epoca infeliz se... Mas deixemos isso por que a tempestade passou e os seus dirigentes enveredaram já pelo caminho a que eram obrigados pelas honrosissimas tradições de filial do velho Bemfica.

Com o rotulo de mixto, venceu o Sporting da Covilhã por 2-1, n'um jogo brilhante.

Empatou com os Herminios por um 2-2, desenvolvendo um jogo magistral a que só a infslecidade transformou n'aquele nada elucidativo score.

Bateu agora, no p. p. domingo por um copioso 6-1 o Sport Lisboa e Castelo Branco, em jogadas brilhantissimas, com muita tenica e «alma» verdadeiramente bemfiquense.

A's 3 horas vae a bola ao centro, perante regular assistencia.

Sai o Tortozendo e sem que o seu contendor tenha tempo de tocar na bola. esta anicha-se nas redes albicastrenses. Seis vezes na primeira parte tal sucede e, Castelo Branco trabalha esmagado pela superioridade tecnica do seu contendedor. Finda a 1.ª parte com 6 0 a favor do Tortozendo.

No intervalo, falamos com o capitão do Sport Lisboa e Castelo Branco e este mostra-se estupefacto pelo jogo desenvolvido pelos Tortozendeses. Lealmente confesso que só com muita infelicidade o Tortozondo pode perder com qualquer grupo da Beira.

Na segunda parte, os rapazes do Tortozendo que envergavam camisolas brancas sobre as vermelhas, não se esquecendo d'isso, desenolveram um jogo menos impetuoso e... não marcaram mais. Honra lhes seja...

N'esta parte, Castelo Branco consegue o ponto de honra e acaba o encontro seguido d'um copo d'agua, trocando-se os mais amisosos brindes.

Do Tortozendo, quasi todos bem, sobresaindo Maximino, Teixeira e Raul na linha avançada. Os medios Peixoto, Nascimento e Americo cumpriram, apoiando regularmente a linha avançada. Os defesas Craveiro e Alvaro, seguros. Moreno, nas redes, nada fez, porque nada foi preciso fazer.

Na primeira parte, a dez minutos do fim, fez a sua primeira defesa.

O arbitro, imparcial mas deficiente. A assistencia, corretissima.—C,

Barreira de sombra

PRAÇA DE ALGÉS

TOURADA GRATUITA QUE DEVE REPETIR-SE.—UM AMADOR QUE SUPLANTA ALGUNS ESPADAS DE CARTEL, NO MANEJO DE MULETA.—A ASSISTENCIA MANIFESTA-SE CALOROSAMENTE, ORA RINDO, ORA APLAUDINDO...

Resultou magnifico o espectaculo que o emprezario Segurado ofereceu no domingo á Imprensa e aficionados, que encheu quasi tres quartos de lotação da Praça de Algés, com a primeira lição pratica em que foram lidados um touro, tres garraios e uma novilha, pelos alunos das escolas de toureio do Campo Pequeno e Algés, sob a direção tecnica dos profissionais Agostinho Coelho e Antonio de Carvalho, coadjuvados por «Angelilo» e «Punturet».

Todos os alunos mostraram boa disposição e alguma valentia, sobresaindo no manejo da «muleta», pelo que foi muito justamente aplaudido o amador Oliveira, bem como alguns excelentes pares de bandarilhas de J. Medeiros, José Simões e José Coimbra.

O touro, bravissimo, propriedade da Empreza, foi optimamente bandarilhado por Agostinho Coelho e A. de Carvalho.

Dois «minusculos» amadores de 10 anos de edade, deram «cheque» em alguns colegas «maiusculos», pela forma valente e corréta como passaram de capote uma novilha recem-nascida...

Houve, como não podia deixar de haver, alguns trambulhões sem más consequencias, bem como a execução de varias sortes não conhecidas e imaginarias...

Estes espectaculos devem repetir-se, para que o verdadeiro juiz—publico e Imprensa—possa classificar dos futuros toureiros, quaes os que melhores habilitações possuem para o preenchimento das vagas que existem no toureio pedestre...

ZÉPÊDRO

Foto-Sport

Esta revista publica hoje um suplemento ilustrado sobre o 1 Lisboa-Praga e 1 Checoeslovaquia.

Francisco Santos, a cargo de quem está a parte fotografica deste nosso colega, que a partir de 10 de fevereiro passará a publicar-se 3 vezes por mês, apresenta-nos alguns dos seus belos trabalhos.

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

UM IMCOMPARAVEL EXITO DO NOSSO JORNAL

A consagração de Augusto Rosa

foi um colossal espectaculo, que decorreu com inexcedivel brilhantismo, e com o melhor publico de Lisboa

Da ilustre senhora Dona Leonor de Castro Guedes Rosa recebemos a seguinte carta, que é, para nós, o melhor dos titulos de recompensa pelo nosso esforço dispendido.

Ex.mos Senhores Directores do Domingo Ilustrado e da Revista de Teatro:

Venho agradecer do coração o talento, a competencia, o esforço e o carinho com que todos promoveram, colaboraram e trabalharam para a realisação da bela «Noite de Augusto Rosa».

Como sua viuva e humilde mulher que muito tem procurado manter a memoria d'este artista, a todos me confesso gratissima pelo exito excepcional d'esta noite inolvidavel.

Sou, com toda a consideração,

De V. Ex.as
M.to Att.a, Ven.ra e reconhecidissima

Leonor de Castro Guedes Rosa

* * *

De muitas, das melhores e mais gradas figuras da nossa terra recebemos aplausos e parabens pelo exito completo da nossa iniciativa, que, é claro, em todos os bons espíritos teve o mais franco acolhimento. Como desde o primeiro instante dissemos, todos os fundos que, apuradas as contas que publicaremos venham a caber a este jornal, serão exclusivamente aplicados á sua beneficencia, e por uma forma com que o publico hade simpatisar. Antes de mais ninguem serão contemplados os Invalidos de Trabalho, tão esquecidos actualmente, e que sendo a unica assistencia para os que passaram uma vida de trabalho, merecem a nossa ampla simpatia.

* * *

Aos artistas, aos colaboradores de teatro a todos os que contribuiram para o brilhantismo unico da grande consagração de Augusto Rosa, os nossos sinceros agradecimentos. Não esqueceremos os seus nomes.

* * *

Houve, alem de dedicações enormes, notas de ridiculo e ingenua vaidade, de inveja sordida, de maledicencia torpe. Infelizmente a gente de teatro é, ás vezes, assim!

A critica de teatro recebeu o nosso espectaculo sem generosidade. Arthur Portela, que não se refere ao nosso jornal sem explicar o que devia ser a consagração, diz que ela não foi um grande acontecimento teatral. Não tem uma palavra para a elegancia, para a arte e para a sumptuosidade do espectaculo, que mereceu a Antonio Ferro que chegou agora de Paris, a classificação de ter sido «arranjado por mão de mestre».

Este jornal tambem se não refere aos jornais promotores da recita. Avelino de Almeida elogia-nos na mise-en-scène, mas culpa-nos do que não temos culpa alguma: a musica. Pedimos «peças a caracter com a noite», e, para desaire da orquestra do Teatro S. Luiz, que recebeu integralmente os seus ordenados a musica foi, realmente..., o que se ouviu.

* * *

Afonso Lopes Vieira foi admiravel. Matos Sequeira foi nervoso e desassombrado, como é sempre a sua bela prosa, viril, seca, cortante.

O publico, esse achou uma grande noite a que lhe demos. Os aplausos calorosos e prolongados não eram da claque que não havia. «O Monologo do Vaqueiro» por Adelina, e cuja mise-en-scène mereceu tambem os maiores encomios de todos, foi um numero que por si só faria uma noite de arte.

A representação da «Punindo» foi magistral, por parte de todos os interpretes, sendo justo, pela responsabilidade dos seus papeis, salientar a grande actriz Lucilia e o seu notabilissimo antagonista dessa noite—Alexandre de Azevedo. Amelia Rey Colaço, Esther Leão, Leonor Faria, Maria Pia, em pequenos papeis, fizeram-os com a distincção, a nobreza e a bôa arte dos seus grandes temperamentos. Finalmente, Robles, os dois «galãs de ponto» feitos por Matos Reis e Rajanto, e Pinto Ramos, produziram um conjunto como de ha muito se não vê em nossos teatros.

A representação da «Leonor Teles», teve aquele cunho de grandeza que era licito esperar duma companhia explendida como a de Alves da Cunha. O grande actor disse, maravilhosamente, os soberbos alexandrinos de Marcelino. Carlos de Oliveira encenou a peça a rigor. Maria Isabel, na deliciosa Helena Andeiro teve o encanto particular desta actriz tão feminina e tão portugueza. Sacramento e Antonio Melo, bem como Carlos de Sousa, Braga, Cardoso e Torres, completaram um conjuncto brilhantissimo, que só os honrou.

* * *

Entre as pessôas que nos deram uma adesão franca e prestimosa devemos salientar o emprezario sr. Luiz Galhardo, cuja generosa atitude muito nos penhorou. Egualmente as emprezas do S. Luiz, do Politeama, de S. Carlos, do Nacional e do Apolo, nos prestaram um concurso que não esqueceremos. Ainda o Sr. Dr. Beleza de Andrade e o sr. Santos Tavares, nos facilitaram a nossa missão, o que agradecemos.

* * *

Apesar de desde o primeiro momento pela nossa parte afirmarmos que este jornal «não precisava de esmolas», e que fazia esta festa no intuito de homenagear um grande actor, e de marcar uma iniciativa da sua vitalidade de grande orgão popular, de ter-mos declarado peremptoriamente que o producto liquido que desse, pelo motivo da festa, entrada nos seus cofres, seria integralmente empregado na sua beneficencia, que não é uma sofisma—houve bôas almas que clamaram, ratos e ratazanas de café que roeram. Peor do que usar camisa lavada, não se pode em Portugal ver uma ideia a ninguem. Tenham porem paciencia, porque nós emquanto o publico quizer, viveremos e teremos muitas mais iniciativas.

* * *

Foi para nós muito lamentavel que algumas pessôas que haviamos convidado, como os nossos bons amigos Pedro Bordalo Pinheiro, Norberto de Araujo, Luiz Derouet, etc., não fossem, mercê dum equivoco do qual declinamos toda a responsabilidade, atendidasc om a consideração merecida e como era nosso expresso e terminante desejo. Que nos relevem essa falta absolutamente involuntaria

o momento teatral

PALMIRA BASTOS

Palmira Bastos, aristocratica figura da nossa scena, cujo prestigio pessoal e artistico está no apogeu, ingressou na companhia do Gimnasio. O seu nome deu logo brilho a um grande cartaz—a «Vida e doçura». Artista segurissima, de superior relevo historico, de processos scenicos muito seus, possue um publico enorme, especialmente o das senhoras, que nela apreciam aquela linha de distincção natural e aquele «charme» feminino que é inimitavel, aquela graça «ancien regim», feita de delicada sensibilidade e que, por rara, volta a ser tão apreciada.

Palmira Bastos, ainda a proposito da «Noite de Augusto Rosa, teve uma delicadissima lembrança, que só veiu exteriorisar a sua grande alma de artista e o seu bondosissimo coração.

Não estando, apenas por dificuldades da organização, o seu nome no programa, onde aliás brilharia entre os maiores de todos, Palmira Bastos veiu colocar, na frisa de D. Leonor Rosa, um ramo de lirĩos brancos. Delicada e subtil ideia, propria dum requintado, dôce e eleito espirito de mulher—ideia que comoveu, pela simplicidade elegantissima e discreta, da homenagem dessa grande actriz, á memoria dum grande actor.

S. Carlos — Fechado.

S. Luiz — A opereta de grande sucesso «A Moça de Campanilias.

Gymnasio — «Tia Andreza», com Gil Ferreira e Alegrim.

Avenida — Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos Henrique Roldão.

Politeama — Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, «Não te melindrees Beatriz».

Eden — «Fungágá», grandiosa revista, com Laura Costa.

Trindade — A grande companhia de Velasco: «Feria de las Hermosas».

Apolo — «A Taberna» de Zola, colossal trabalho de Alves da Cunha com Adelina e Beria.

O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

A EXTRANHA AVENTURA

Um caso verdadeiro e emocionante contado por Mercedes Blasco, a popular e apreciadissima escriptora, a unica portugueza a quem garantem uma secção diaria nos jornais de Lisboa. Esta novela faz parte do seu livro, que está no prelo, «Adão e a sua costela».

O J. S. era um bohemio incorrigivel e um eterno caçador de mulheres.

Deambulava, de club para teatro, de teatro para café, e demorava-se até altas horas por essas ruas, sem destino certo, mas sempre de faro apurado para apanhar alguma tresnoitada beleza pouco esquiva.

Uma noite, andava ele no seu giro galante, quando notou uma rapariga que fitava os homens que encontrava com ares provocantemente convidativos, mas com um olhar onde parecia arder a chama da loucura momentanea.

Os seus ademanes não eram naturais; tinham qualquer coisa de forçados na sua exagerada provocação. Ele então decidiu-se a abordá-la:

—Que anda por aqui a fazer a estas horas, minha lindeza?

—Ando á procura de um homem que me dê dinheiro, foi a resposta sêca e brutal.

Depois de curto preambulo, ele decidiu-se a acompanhá-la.

A rapariga era linda e, sob o seu trajar modesto, adivinhava-se um corpo de estatua.

Ela não queria leva-lo a sua casa. Que era muito longe, dizia. Mas ele convenceu-a de que em parte alguma estariam melhor para conversar á vontade e ela então cedeu.

Morava lá para os altos da Graça, numa agua-furtada com dois compartimentos pobrissimos mas asseados.

Na sala de fóra havia uma cama, uma mesa e algumas cadeiras tropegas. Ao fundo, uma alcova, separada apenas por uma cortina feita de um lençol.

Mal chegaram, a rapariga exigiu-lhe imediatamente o dinheiro, senão nada feito. Era condição essencial.

O galã suspeitou de qualquer proposito de fraude, resistiu molemente, porque o bocado era tentador para se arriscar a perdê-lo, e executou-se—deu a maquia estipulada.

Logo que teve o dinheiro na mão, a bizarra creatura disse ao seu pretendente:

—Eu vou sair. Não me demoro. Você espere-me aqui. Se não está de acordo, restituo-lhe o dinheiro.

Mas o nosso homem não era de tempera a desistir de uma idea, quando ela se lhe agarrava aos miolos e apenas respondeu:

—Está bem. Mas, olhe lá, o que é aquele quarto, está lá alguem?

—Escusa de se preocupar com isso, nem precisa de lá ir. E' um quarto de arrumações, não está mais ninguem em casa.

E saío, precipitadamente. Aqui principia o heroe d'esta historia, a lembrar-se de partidas varias que lhe podiam pregar e de que bastante ouvira falar já.

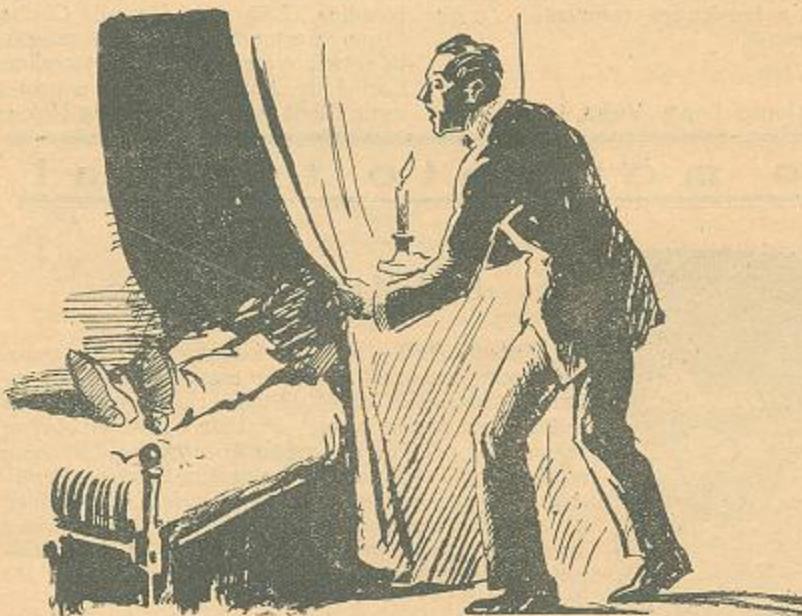
O que o intrigava era a alcova, onde reinava o silencio e o misterio.

Que haveria por detraz d'aquele pano branco?

Por mais que digam, a curiosidade não é só apanagio das mulheres, e o J. S. não poude resistir e resolveu-se a uma incursão no terreno defeso.

Levantou a cortina e entrou. Na meia escuridão distinguio um vulto n'uma cama, unico movel que ali havia.

Quem seria? Alguma amiga? Uma irmã?

E gulosamehte rejubilava, julgando ter feito duas conquistas em vez de uma só.

o que estava por detraz daquela cortina misteriosa, que não fazia o menor ruido . . .

Tateou, passou a mão por aquele corpo que a roupa cobria completamente, antegosando já delicias inesperadas.

Mas de repente a sua mão pousou sobre um pedaço de gelo.

—Aqui está alguem morto? Que misterio será este? Sempre quero ver.

E indo buscar o côto de vela que a rapariga deixara a alumia-lo, voltou á alcova e destapou o vulto.

Era um homem morto. Um homem já de uma certa idade, tipo de operario.

Nisto chega a rapariga, que ficou contrariadissima, por ter sido desobedecida nas suas recomendações:

—Porque foi ali? Porque não me esperou tranquilamente? Oh! estes homens que curiosos...

Acabou numa ironia que escondia uma dôr enorme.

—Alto lá, minha menina, isto é mais serio. Quem é este homem? porque o escondeu você de mim?

Vamos, diga, ou chamo a policia.

Ela então numa grande explosão de angustia mal contida, contou-lhe, meio afogada em soluços:

—E' meu pae. Viviamos sós, desde que minha mãesinha morreu. Ele era um trabalhador honesto e bem comportado, e assim me foi creando, longe das miserias do mundo e das suas vergonhas.

Eu empreguei-me como costureira e para nós dois chegava bem o que ganhavamos.

Mas um dia ele adoeceu; suspenderam-lhe a feria e os meus ganhos nem chegavam para os remedios que ele precisava.

Empenhei tudo quanto havia em casa, de roupas e moveis para lhe acudir.

Mas tudo foi inutil e esta manhã morreu-me nos braços.

Fiquei doida. Nem um centavo para o enterro.

Resolvi então sacrificar-me por meu pae, para pagar-lhe a ultima morada e fui para a rua vender a minha honra a quem melhor me pagasse.

Era por meu paesinho que tanto trabalhou para mim. Ah! mas custou-me muito. Foi preciso fechar os olhos para não ver o abismo em que ia precipitar-me.

Foi por isso que o deixei só. Fui imediatamente tratar do enterro.

E agora aqui me tem pronta a saldar a minha divida.

O nosso *vieux-marcheur*, que uma mulher pela primeira vez comovêra, beijou a mão da infeliz pequena, deu-lhe ainda mais dinheiro e saiu, jurando aos seus deuses que nunca mais se meteria com raparigas fóra d'horas.

A extranha aventura d'essa noite amachucou a valer os seus brios de D. Juan serodio...

MERCEDES BLASCO

OS SENHORES DO MARNEL; romance por Vaz Ferreira.

Estes «Senhores do Marnel»—que teem suas prosápias de «Fidalgos da Casa Mourisca», mas são de inferior estirpe literária—não veem mascarados á moda do seculo passado; são bem dêsse século, filhos dum autor deslocado na sua época e saudoso da auréola casta dum Júlio Denis.

A intriga do romance é tão fragil que, a bem dizer, não existe. No entanto, essa débil acção é tão naturalmente conduzida, os personagens inspiram tal simpatia, que o leitor percorre todo o livro sem fadiga em ótima disposição, feliz por travar conhecimento com pessoas de boa família, de cuidadas falas e de coraçoes de oiro... Tambem é um pouco pueril a preocupação do autor, delineando minuciosamente a árvore genealogica dos «Senhores do Marnel».

Mas tudo isso se perdôa de bom grado a uma obra absolutamente honesta e sincera, obedecendo com franqueza a moldes literários já gastos, fugindo ao «snobismo» que leva muitos autores a fingirem-se integrados em correntes estéticas que não quadram á sua sensibilidade. O sr. Vaz Ferreira teve a coragem de se mostrar tal como é: um escritor antiquado, capaz de compor um romance ingénuo e simples, com os seus longos diálogos escritos numa linguagem amaneirada e delicodoce, como exigia o ambiente mesureiro, fidalgo e provinciano, onde decorre a acção.

MENINO e A PAISAGEM NA OBRA DE CAMILO E DE EÇA, por Bourbon e Menezes.

«Menino» é um poemeto em prosa, dedicado á graça infantil personificada em certa criança, a maior adoração do autor. Para todos que as lerem, serão paginas suaves e confortantes. Para os que sentirem como todo o seu mundo cabe entre os braços dum menino, serão talvez paginas de encanto.

«A Paisagem na obra de Camilo e de Eça» é o apontamento para um curioso estudo de crítica camiliana. O autor fez bem em registar o titulo duma tese que não fica suficientemente debatida nêste magro opúsculo, mas que poderá servir de ponto de partida para trabalho de maior alcance.

Tereza LEITÃO DE BARROS

O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

UM CASO HORRIVEL

Chega-nos esta pagina nova e imprevista. E' um caso de megalomania grave, verdadeiro, passado em Lisbôa ha alguns anos, com um titular conhecido que arruinou uma fortuna de milhares de contos n'um ano. Conta-o a prosa plastica e admiravel do O REPORTER MISTERIO.

QUANDO em Janeiro de 1917 sofri esse abalo inesperado e enorme da morte de minha mulher, eu não estava preparado para receber da vida uma tão imprevista brutalidade.

Rico, feliz, gosando largamente a mocidade e a fortuna, nunca comprehendera até então as grandes miserias e as grandes vicissitudes da existencia.

Do Solar da Beira para o Estoril, daqui para Biarritz ou para Deauville, de Deauville para Paris ou para Roma, o tempo não me parecia mal, quer rolasse sobre os divans dos «sleeping-cars», ou nas tardes de amor, nas terrasses dos casinos descançasse eternamente dum cançaso que nunca existia.

Morreu-me a mulher e com ela o filho que eu esperava para alegrar e justificar as nossas vidas. Foi tão grande esse abalo, que a vida de tudo, os homens e as coisas, dir-se-hia terem tomado para mim um aspecto indiferente.

Dir-se-hia que sujeito a forças perfeitamente eguais e contrarias, eu estava paralisado tragicamente. Nada me movia, nada me excitava, nada, na mais absoluta expressão, me produzia vislumbre de comoção ou de interesse.

Um dia, numa tranquila manhã de primavera, quando tudo em torno de mim, mais do que nunca me parecia imobilisado, pediu-me o espirito a ancia extranha duma grande comoção. A necessidade imperiosa e inevitavel duma sensação forte, duma vibração que me fizesse estremecer, que me arrancasse dessa apatia mortal da minha vida.

Levantei-me, bebi a largos haustos essa brisa fresca que vinha do rio até á varanda do Hotel Miramar onde me encontrava, e tomei, talvez leviamente essa resolução, unica, imprevista, extranha, que vos parecerá simplesmente fantasista ou louca, mas que foi absolutamente verdadeira: roubar. Não roubar á «Arsène Lupin» de mistura com aventuras de amor ou roubar tragicamente como certas figuras de Conan Doyle. Não. Roubar, roubar franca e simplesmente por necessidade de dar á existencia claro-escuro, misterio e interesse.

Roubar pelo prazer puro e novo de roubar. Roubar pelo «sport» de arriscar a reputação, a vida e a fortuna. Roubar pelo encanto do imprevisto, do inédito, e do perigoso. Roubar e tornar a dar. Roubar pela propria arte de escamotear, de fazer desaparecer, como uma força funambula e magica. Roubar, não por instincto, mas por sedução. Realisar o impossivel do desaparecimento, desconhecer a dificuldade do inacessivel. Vencer a parede, a grade, o marmore. Trespassar o aço, o cristal e a chama. Adivinhar na imensa escuridão o fulgurar imaterial dum brilhante ou a morna caricia duma perola. Colher-se joias como quem colhe flôres, aspirar-lhes furtivamente o perfume dumas horas e lançal-os de novo, e repol-as de novo nos regaços ou nos jardins, floridas ainda.

E, quando a joia ou a flôr, em seu primitivo meio não vivesse nem florisse, leval-a ao seu meio proprio, dar-lhe a moldura e a graça do seu scenario verdadeiro e fecundo, arrancal-a e distribuil-a melhor, ao acaso do meu instincto talvez injusto, mas na satisfação da minha unica anciedade latente: a beleza.

Foi este, nessa manhã de primavera o pensamento que me cravou o cerebro. Com ele dei á existencia um rumo diverso e original. Em meia duzia de linhas eu lhes conto ainda hoje, uma das minhas primeiras e timidas aventuras.

Ouçam-me:

* * *

Saira, Rua Ivens abaixo, e entrara ao Chiado. A' porta da Estrela Polar, o Marquês do Lavradio e o Conde das Galvêas pontificavam, num destrambelhado grupo e não longe, o «Mota Mastiga» com um velho «pardessous» fidalgo e polainas brancas fumava, com o «Burnay Tostão»—a chupar a eterna beata, num grupo digno de lapis humorista de Marcel Arnac.

O Chiado estava de facto na sua grande hora—azul.

As ourivesarias rebrilhavam sobre a luz das lampadas electricas, o Lopes florista numa apoteose, desdobrava sobre a montra uma sinfonia de cravos de todos os matizes, e ao topo da rua, de mistura com a buzinada confuza dos automoveis e o movimento da gente, um fox-trot doido saía pelas janelas do curso de dança do Magalhães Pedrozo, e vinha perder-se na Rua, abafado pelos acordes infernais do jazz-band da Garrett, no delirio do grande monumento citadino do chá.

Eu estacionava perdido, na «ilha dos galegos»—o passeio circular a meio da

Era uma figura esbeltissima, duma beleza unica e perturbante...

praça onde pousavam os moços de fretes, e cruzei obliquamente a rua, para ir ver o escaparate luminoso do Leitão. «Leitão & Irmão»—antigos joalheiros da corôa...

A montra, toda forrada dum palido veludo rosa, tinha, n'um arranjo despretencioso e sobrio, dezenas de perolas.

Perolas apenas, em «parures», em aneis, em brincos, em pequenos e grandes colares, em «pendentifs», em diademas... Olhei-as fixamente...

* * *

A figura de mulher que estacionou junto de mim, não tem descripção possivel. Escapa á pena o detalhe subtil. O que havia de airoso, de gracil, de gimnastico e de saudavel no seu ar não se comprehendia bem donde provinha.

Suponham uma vendedeira de queijos, sua blusa branca, sua saia clara, seu avental tambem branco. Na cabeça, um lenço claro á moda das ovarinas, donde uma lufada de caracoes louros, como uma labareda de oiro, alastrava sobre a testa.

A pele tinha o tom mate e a finura de petala que ha em certos fructos meio verdes, e o todo, o tronco, alto e esculpido em anfora, tinha a nobreza duma princesa bisantina.

Parou o pregão, e, a arfar ainda pozse a olhar a montra deslumbrante...

* * *

—Está a olhar para as perolas...

—Estou.... Olho... e não vejo nada!

—Não vê?

—Não são para o meu dente...

—São para o seu pescoço... para o seu lindo pescoço.

—Qual... Com um bago d'aqueles, comprava eu um fato... quer dizer... se as tivesse, não as vendia... são tão lindas!

Eu via-lhe sobre o requife modesto do corpete, a alvura dos seios castos e tranquilos, arrumados como dois ovos de avestruz...

As perolas deviam tombar sobre aquele corpo de neve...

* * *

Entrei na loja. Escorria sobre o balcão a luz quente da lampada.

—Perolas... pedi nervosamente.

E escolhi, escolhi, louco, na sensualidade cariciante dos brilhos macios...

Eu era freguez, conhecido na casa, e popular a minha fortuna.

Em minutos tinha no bolso do casaco um fio enorme.

Saí. Era noite. O fusilar violento dos seus olhos incendiara-me.

Na esquina da Horta Seca iamos colados um ao outro. Lancei-lhe ao colo as perolas quentes da minha mão. Levou-as á boca. Beijou-as. Os seus pés descalços acariciavam as pedras da rua como um abafo de veludo. Descemos a S. Paulo...

Na penumbra d'aquelas travessas imundas da Ribeira, embriagada pela volupia da marezia do Rio, beijei-a na boca.

Estalou o fio de perolas...

Como gotas cairam algumas sobre o seio, e vieram perder-se na lama negra para sempre.

Estava cumprido o fado d'aquelas perolas. Como uma ave do mar, fina como uma tanagra de misterio, ela fugira na poalha de luar do caes—e eu pagara a contos de réis, que enviei ao Leitor na manhã seguinte—a frescura unica dos seus beijos virgens.

pela redacção

O Reporter Misterio

O DETECTIVE 523 está senhor de muitos segredos que vae revelar aos leitores de *O Domingo ilustrado.*

VARIA

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***

(DA T. E.)

QUADRO DE HONRA

15 DECIFRAÇÕES (Todas)

EDIPO, ETIEL, RAZALAS, JOFRALO E HOFE (todos da T. E.), REI-VAX, ROBUR, BISTRONÇO, LHALHA, FILHO D'ALGO, ZELIA BORGES E A. D. MEIRA.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 52

QUADRO DE DISTINÇÃO

DECIFRAÇÕES

Com 9—*AVIEIRA*

» 8—*PATO BIGAS LIMITADA*

» 7—*MIDA*

DECIFRADORES DO N.º 52

DEDICATORIAS:

Decifráram as produções que lhes foram oferecidas:

ORLANDO-O-PALADINO, REI-VAX E DROPÉ

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

1—Derrotada, 2—Cabaço, 3—Semfim, 4—Panria, 5—Penula, 6—Abbadia, 7—Tocarola, 8—Carafo, 9—Acora, 10—Solta, 11—Crista, 12—Jaarabôa, 13—Delfim, 14—Boa-Nova.

CHARADAS EM VERSO

[Ao ilustre director e confrade amigo]

(1) Meu caro e «feroz» amigo,
Ahi vae o prometido.
. . . .
Vou contar-lhe uma historia
Que comigo foi passada.
Quando saí da «Tertulia»
Encontrei ao descer a escada
Certo tipo, um valentão,
Que um *tabefe* me pregou;—2
Mas foi de nariz ao chão
Com um soco que apanhou.

Com mil *cuidados* ergue-se—2
E chamou-me «Camarão»;
Como resposta eu ferrei-lhe
Um tremendo *bofetão*.

CAMARÃO (da T. E.)

(2) *Antes* de ver os teus olhos—1
Levava a vida a sorrir,
Não conhecia os abrolhos
Que me haviam de ferir.

Sem ser *profeta* sonhei—3
Uma vida côr de rosa;
E a paixão que idealisei
Era linda e bonançosa.

Mas ao ver o teu olhar
Desvairou-se a minha mente,
E se não te fui beijar
Foi por ser muito *prudente*.

LORD DA NOZES (da T. E.)

(3) Não me tornes a *falar*—1
Nesse assumpto, já te disse,
Se nunca foste á «*cidade*»—2
Mostras nisso *fanfarrice*.

PIM T. ADINHO

(4) Minha alma ignea, resequida
qual luz morta ou mal acesa
toca, mas sinto-a sentida—2
sofrendo a dor com grandeza.

Vivo triste e da *tristeza*—1
Sôrvo todo o fel da vida.
E é com doida avareza
que espero a morte tão q'rida.

Já fui cantar minhas máguas
A' margem dum rio; e as aguas,
a minha dôr vão cantando,

como mil frautas com dôr
sopradas p'r' um *tocador*
que sente e toca chorando!

LHALHA

(Aos sublime Lhalha *agradecendo os seus saborosos* Ansarinhos)

(5) Junto á vossa resposta «bem singela
Uns patos fez favôr de nos mandar,
Que foram cosinhados p'ra o jantar
De canja, fricassé e cabidela.

Nada escapou! Até mesmo a moela
Bem rija se comeu; e ao olhar
Nossos pratos vasios, a rapar
Fomos ainda o tacho e a panela.

Mas não *acha* já ser uma massada,—1
Vir aqui só falar da jantarada?
Basta! Pomos um ponto no discurso—1

CHARADAS EM VERSO

Mas sua *dadiva* era tão ruim
Que custou a matar, mas inda assim,
Não fizemos, talvez, figura d'urso.

PATO BIGAS, LIMITADA

CHARADAS EM FRASE

(6) *Até com a agua se vive* por *tabela*.—1—2—1

(7) A *fruta do conde* é do *feitio* da pera, disse o *homem que vigia*—2—2

LHALHA

[Admirando a facilidade com que Tio & Sobrinho *decifram charadas)*

(8) Desejavamos *conhecer* o *singular* processo com que os srs. «matam» as charadas. Será a *metro?*—1—1

(9) Mas que *genio!* Quando o sol *nascia*, já ele estava a cantar. Faz pena parecer um *tonto*. 2—2—1

PATO BIGAS, LIMITADA

(10) Acho que fez *tolice*, atirando-se ao «*rio*», o meu *mordomo*—2—1

PIM T. ADINHO

ENIGMAS

(11) E' insecto conhecido
Na verdade mui vulgar,
Mas que outro insecto procura
Para a vida lhe tirar.

Mas para que tal bichinho
Tenha o nome que lhe dão,
E' necessario que mostre
Da astucia ter o condão.

Se o leitor já o «matou»,
Mostra ser *fino* tambem,
E merece que lhe dê
O nome que o bicho tem.

Porto REI DO ORCO (G. L. E.

(12) Duas letrinhas
Mas não vogais
dizem: *Nariz*.
Não decifraes?

ZÊCA-ZÁCA

(13) M'a consoante
aqui presente
traduz um *p'rigo*
bem iminente!

REI-VAX

Ao presado Director, consocio e amigo

[14] Qual a coisa qual é ela
Tão elegante e tão bela,

Que antes de nos dar o todo,
Prima parte dá do engodo,

Dando emfim a solução
Sem magua no coração?

Qual é coisa qual é ela,
Que é tão *elegante* e bela?

ETIEL (Da T. E.)

CORREIO

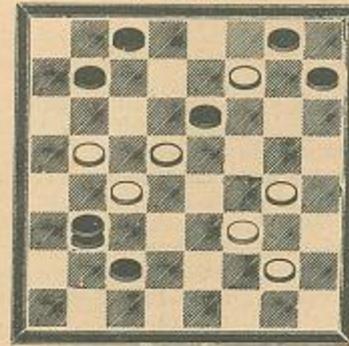
DROPÉ:—Queira informar-me qual o dicionario em que se verificam as suas produções.

REI-FERA

Solução do problema n.º 53

	Brancas	Pretas
1	2-7	11-2
2	18-23	26-19-10
3	28-6	2-9
4	5-14-21-30 (D) Ganha	

PROBLEMA N.º 54

Pretas 1 D. e 6 p.

Brancas 7 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 51 os Srs. Augusto Teixeira Marques, José Brandão, Neulame, um oficial, Vicente Mendonça.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo distinto amador das Damas, o sr. Artur Santos.

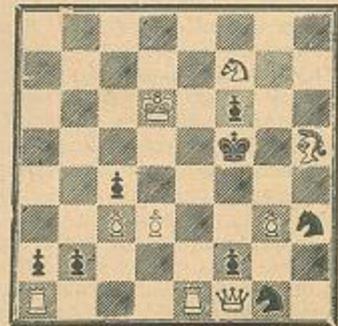
Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 54

Por E. B. Cook

Pretas (8)

(Brancas (9)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 52

1 B 6 T R

As defesas das Pretas á ameaça de B toma P C R feita pela chave dão lugar a [cinco auto obstruções seguidas de um mate com intercepção de uma peça branca.

Este tour de force exige o emprego de um material importante.

Resolveram os srs. Pereira de Figueiredo, Sueiro da Silveira, Grupo Albicastrense, Vicente Mendonça, Eloi Nunes Cardoso e Zagalo Fernandes.

VARIA

De tudo um pouco...

Bemaventuranças

Aos felizes mortaes que tenham contraído o casamento dedicamos as seguintes bemaventuranças, desejando-lhes do coração que as vejam personalisadas nas suas muito caras metades:

1.ª Bemaventurado o homem cuja esposa respeita a fé conjugal.

2.ª Bemaventurado o homem cuja esposa deposita nele plena confiança.

3.ª Bemaventurado o homem cuja esposa é, o que vulgarmente, se chama, boa dona de casa.

4.ª Bemaventurado o homem cuja esposa se não dá com as visinhas.

5.ª Bemaventurado o homem cuja esposa se contenta com tres vestidos por ano.

6.ª Bemaventurado o homem cuja esposa não «chora quem Deus tem».

7.ª Bemaventurado o homem cuja esposa não é afeiçoada a visitas.

8.ª Bemaventurado o homem cuja esposa, além de todas estas boas qualidades, lhe trouxe quinhentos mil escudos.

Coisas da vida...

O «livro de orações» de que o rei de Inglaterra Carlos I se serviu, quando subiu ao cadafalso, foi vendido em Londres em 1825, por 100 guineos

O «vestuario» de Carlos VII, da Suecia, na batalha de Pultawa, e que foi conservado pelo coronel Borou, que seguiu este rei a Bender, foi vendido em 1825, pela soma de 561:000 francos.

Um «dente» de sir Isaac Newton foi vendido em 1816, pela soma de 730 libras sterlinas.

O cavalheiro que o comprou, fel-o engastar em um anel que trazia constantemente comsigo.

Na ocasião em que os corpos de Heloisa e Abeilard foram removidos dos «Petits Augustins», um cavalheiro inglez ofereceu 100:000 francos por qualquer dente de Heloisa.

A «bengala» de Voltaire foi vendida ha pouco tempo, em Paris, por 500 francos

Uma «cabeleira velha» que pretenceu a Kant, filosofo alemão, foi vendida depois da sua morte em 1804, por 200 francos.

Uma «camisola», pertencente a J. J. Rousseau, foi vendida por 950 francos; e o seu relogio de metal por 500 francos.

Reminiscencia ..

—Ouça Maria, ser-lhe-hia agradavel servir-nos o almoço sobre a relva?

—Na relva? Porque não... ali me heide lembrar do tempo em que tratava das vacas!

***IMPORTANTE.**—Nesta secção podem colabora todos os nossos leitores. Basta para isso enviarem os casos, anedoctas, ditos, curiosidades de que tiverem noticia, para a Secção de DE TUDO UM POUCO, Redacção de O DOMINGO ilustrado, Rua de D. Pedro, V, 18—Lisboa.*

As bôas ideias do O DOMINGO

PRECAUÇÃO CONTRA CREDORES

Seguindo rigorosamente o desenho, pode o leitor instalar á porta uma maquina de grande utilidade que. com certeza lhe poupará dissabores por parte do merceiro, alfaiate, senhorio, do sapateiro, e demais sanguesugas da vida domestica...

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

SEM MEDO.—Inteligencia clara, ideias proprias, energia moral, originalidade, trato afavel, um tanto afectado e vaidoso (não sem razão mas é mais bonito não o demonstrar) boa memoria, energico e audacioso, generosidade, ordem, aptidões para negocios, habil diplomata, amante da beleza e . . . na sua manifestação de mulher bonita . . . verbo facil, nervos fortes, sensualidade cerebral.

UM QUE FINGE AMAR UMA CELESTE.—Grande imaginação, espirito dedicado, generosidade, habitos de trabalho, habilidade manual, ordem, boa memoria, aptidão para matematicas, cuidadooso da sua pessoa.

A ESTRELA DO NORTE.—Espirito dominador e facilmente irritavel, nervos indomaveis; boa e cultivada inteligencia, amor á discussão, generosidade prodiga, optimismo, poucas crenças religiosas, um poucochinho mentirosa, energica, viva de gesto e de palavra, habilidade manual mas nenhum amor ao trabalho.

FANDELIRIO.—Temperamento sensivel, inventivo e sagaz, bom gosto, bom coração, reservado, generosidade bem entendida, ideias religiosas elevadas, ordem, aceio, lealdade, caracter calmo e nada desigual.

IPSOFELICO.—Boa inteligencia, muitos nervos, orgulho intimo, generosidades intermitentes, tendencias optimistas, desordem, pouca memoria para objectos, amor á recordação, cartas... lugares... uma flor... um retrato... ideias independentes, amor á verdade.

ASHAVERUS.—Caracter suave e conciliãdor, com um fundo grande de fortaleza de espirito, boa memoria, bom gosto, ideias religiosas sem exagero, ordem, generosidade bem entendida, um tanto sonhador (quando está só e sabe que não vão surpreende-lo), espirito pratico, amor aos livros.

«ROI SOLEIL».—Temperamento extranho e desigual, bom... e mau, generosidades prodigas, e pequenas crueldades sem motivo, amor á mentira «porque sim!» se m necessid de nenhuma de usar de ela, bom gusto estetico, finura de espirito e de modos, sensivel e fraca aos vicios e ás paixões, (falta a assignatura que é o mais preciso, possivelmente está tudo errado, não respondo por falta de documentos nem envelope nem data).

ZÉ ARANHÃO.—Nervos fortes um tanto gastos..., bom coração e bom fundo, mas a vida lhe ensina que muita vez temos de suprimir os nossos impulsos... aparenta mais severo do que é, ideias proprias, nenhuma vaidade, um tanto pessimista, ordem, memoria que já foi melhor.

LAROCA II.—Energia, bons nervos, imaginação um tanto fantasista, sentimento de poesia, um poucochinho de vaidade, boa inteligencia clara e asimilavel, pouco amor ao trabalho, apaixonado e generoso.

ANICA.—A sua caligrafia revela muito pouco porque a sua mão é insegura assim como o seu caracter que o não vejo formado ainda... vejo que é cuidadosa e ordenada facilmente irritavel.

TRAPO.—Vê? cá está: é preciso paciencia! Inteligencia clara e assimilavel, cerebro muito bem equilibrado, ordem, paixão pela leitura, «ambicioso» muito bom gosto, poeta (em prosa, bom diplomata, bôa memoria agradeço o elogio.

GINA.—Não servem versos.

DAMA ERRANTE

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—*«A DAMA ERRANTE»*.

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS
o passatempo da moda

QUADRO DE DECIFRADORES

MANUEL JOAQUIM DUARTE, (Auledo),

Campeão decifrador do n.º 53

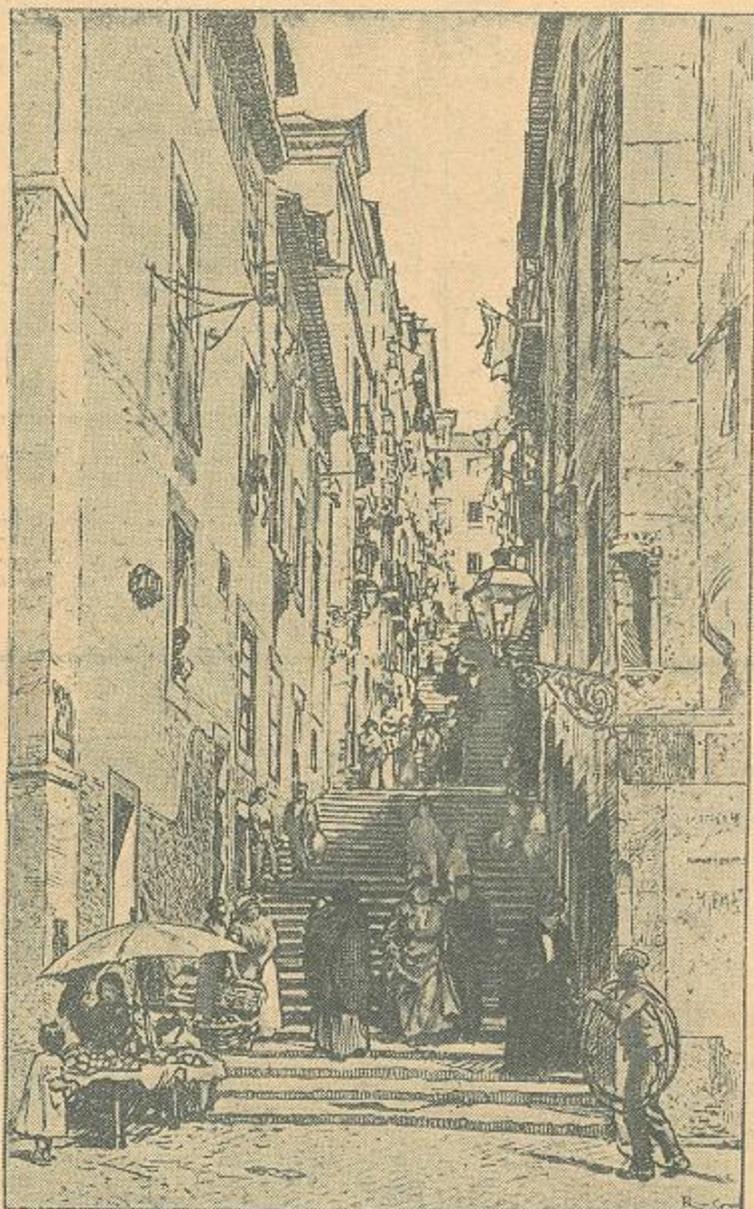
Horizontais:—1—Tranquilidade 2—Jarro (bot.) 3—Nome de homem 4—Não 5—Embaraço 6—Filha de Inacho 7—Tambem 8—Lista 9—Cidade de Italia 10—duas letras de AIO 11—Relação 12—Elemento 13—Ofertei 14—Fluido 15—Trabalho Nocturno 16—Elemento 17—Simples 18—Terra portugueza 19—Reparei 20—Batraquio 21—Duas letras de DEI 22—Pref. que designa oposição 23—Alcunhar 24—Rio portuguez 25—Efectivamente.

Verticais;—1—Ama 7—Ave 14—Candido 15—Montanha 16—Ocasião 21—Preposição 23—Planta da China 26—Elemento 27—Marca 28—Emfim 29—Duas letras de ROMA 30—Fructo 31—Planta a China 32—Folga 33—lavoar 34—Na 35—Caminhar 36—Ente 37—Parente 38—Monarca 39—Abundancia 40—Cabo 41—Grito 42—Apenas 43.—Folga.

Solução do numero passado. Horizontais:—1—Can 4—Aia 5—Opa 7—Rir 10—Alpista 14—Bailado 15—Mar 16—Emerito 20—L. I. N. 21—S. R. C. 22—Eutesia 24—Damas 25—Só 27—Sé 25—Dia.

Verticais:—1—Calor 2—Ai 3—Nadar 6—Pipilar 8—Ala 9—S, T. D. 10—A. B. 11—Pimenta 12—Sarissa 13—Ao 16—Ele 17—Miudos 18—Triste 19—Oca 23—Em 26—Ode 27—São.

Actualidades gráficas

LISBOA VELHA

Roque Gameiro, mestre pintor, lançou com enorme exito no mercado, o seu precioso album de «Lisboa Velha», de que publicamos uma pagina: «A calçada da Bica Grande».

ARTISTAS LIRICOS

Nicolau da Cunha, distinto baritono que acaba de alcançar um enorme exito nas principais cidades do Algarve, onde se tem feito ouvir.

André Brun, notavel humorista, nosso colaborador, que acaba de pôr á venda a quarta edição dos seus «Dez contos em papel», um belo volume de ternura e humorismo.

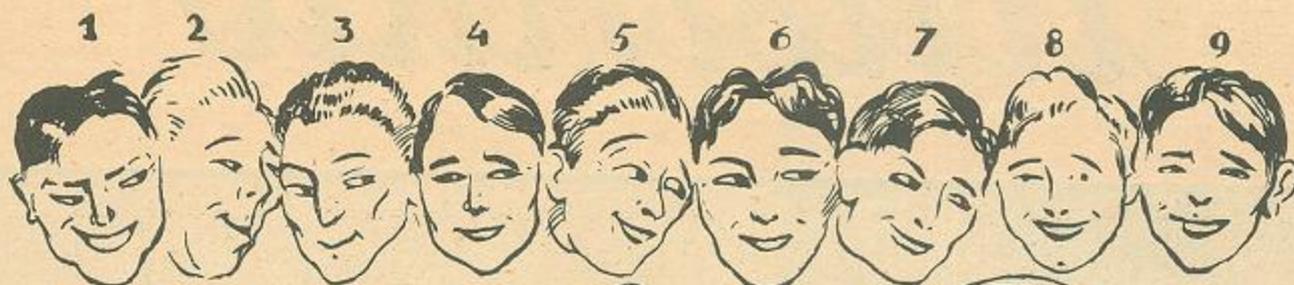
COMO SE ALIMENTAM OS HOMENS DE "SPORT"

A pratica dos grandes esforços desportivos exige uma alimentação especial que, sem gastar os orgãos de absorpção, retempere todo o organismo. Ultimamente um alimento excepcional foi creado — a ovomaltine — e a nossa gravura representa dois dos nossos grandes «azes» do «foot-ball» tomando antes do desafio a sua refeição predilecta e utilissima.

Na passada quarta-feira, entre as lagrimas de saudade de todos os seus colaboradores, realisou-se o funeral do escritor Ernesto Rodrigues, o mais representado dos autores contemporaneos e o fundador do grupo «Parceria» a melhor organisação teatral dos nossos dias que tanto tem enriquecido o teatro alegre nacional.

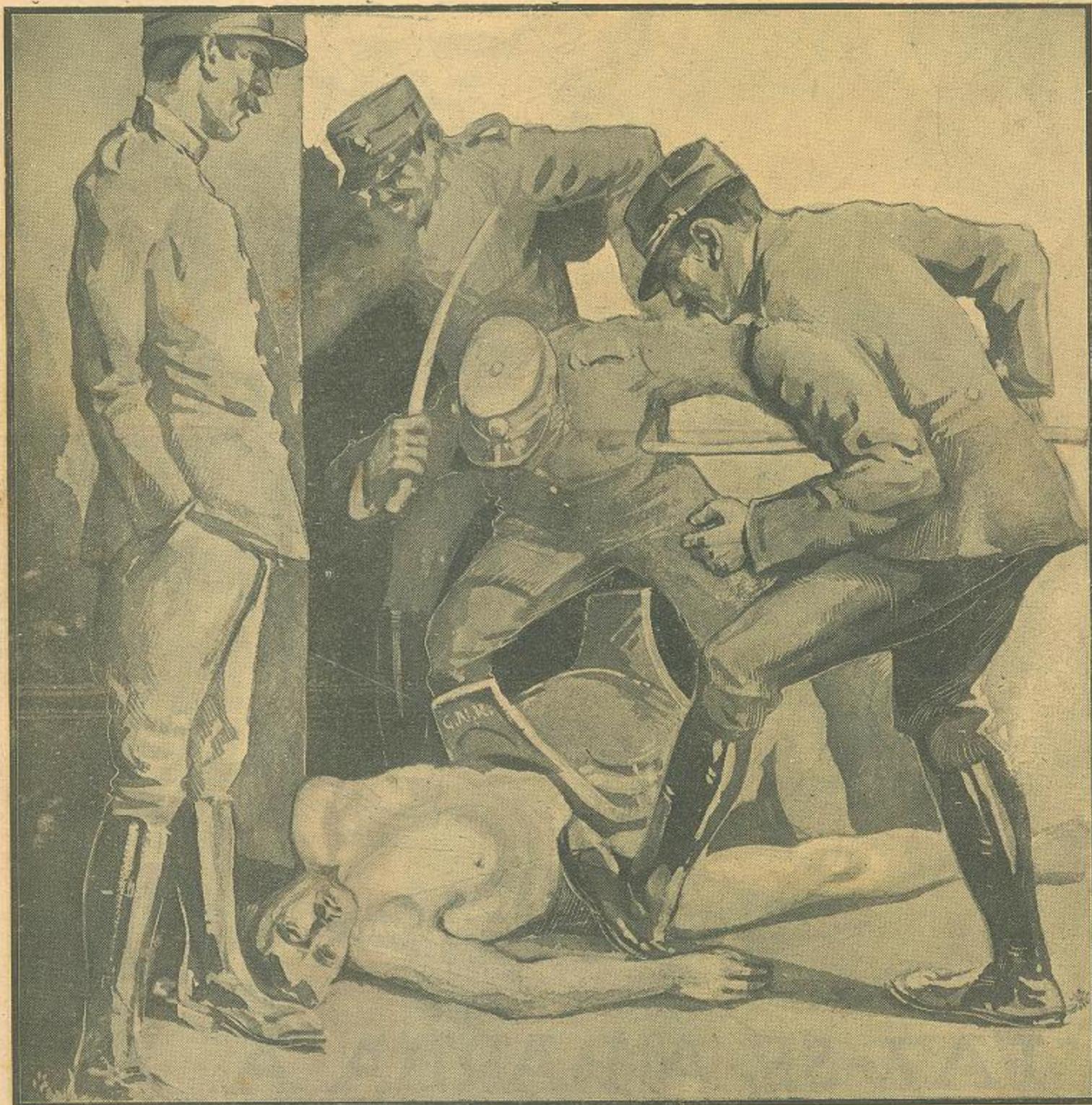
Morrendo com cincoenta anos, Ernesto Rodrigues legou ao teatro, o melhor testemunho do seu muito valor: setenta e trez peças.

Juntamente com João Bastos e Felix Bermudes, os seus companheiros de trabalho e os ultimos companheiros da sua vida, Ernesto Rodrigues, deixa uma vastissima galeria de senas vivas, de tipos curiosissimos que a critica de ámanhã pode estudar com cuidado, porque nela está a copia humoristica da vida lisboeta contemporanea.

De uma visão ainda não egualada, de um perfeitissimo conhecimento tecnico, a memoria de Ernesto Rodrigues tem, como afirmação do seu muito valor, esta certeza absoluta, firme, autentica: «deixou discipulos», esses que na passada quarta feira, o levaram religiosamente, numa comovente saudade, num enorme gesto de respeito, á derradeira morada.

ERNESTO RODRIGUES

Publicidade

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO *ilustrado*

Uma nova "quinta da Formiga" em Sintra, ou a Inquisição da Guarda Republicana!

Soldados e um cabo da Guarda Republicana, em Sintra, aprisionaram um pobre homem e sobre ele praticaram as mais abjectas violencias, chegando a afivelar-lhe um selim sobre o corpo nú, e a fustigá-lo na face, a cavalo marinho. O desgraçado foi para o hospital entre a vida e a morte.